

PISCAde**GENTE**

2024 | 25

EBI PRAIA DA VITÓRIA

DIA INTERNACIONAL DIREITOS HUMANOS

Biblioteca Escolar assinala o Dia Internacional dos Direitos Humanos com exposição de ilustrações dos alunos



Para assinalar o Dia Internacional dos Direitos Humanos, comemorado a 10 de dezembro, a Biblioteca Escolar acolheu uma exposição temática resultante de um trabalho colaborativo com a disciplina de Educação Visual.

Sob orientação da professora Susana Baltazar, os alunos dos 7.º A e B dedicaram-se, durante as aulas, à ilustração dos artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, dando corpo e cor aos prin-

cípios fundamentais da dignidade, liberdade e igualdade.

Através da expressão artística, os alunos interpretaram visualmente temas como o direito à educação, à liberdade de expressão, à proteção contra a discriminação, entre outros. As obras, expostas na biblioteca, revelam a sensibilidade, criatividade e consciência crítica dos estudantes, demonstrando como a arte pode ser uma poderosa ferramenta de cidadania.



A exposição pretende sensibilizar a comunidade escolar para a importância dos direitos humanos no quotidiano e promover uma reflexão sobre os valores universais que sustentam a convivência em sociedade.

Esta iniciativa reforça o papel da biblioteca como espaço de formação cívica e cultural, valorizando o cruzamento entre áreas disciplinares e incentivando o envolvimento ativo dos alunos em temáticas atuais e relevantes.



CONCURSO DE ESCRITA AJUDARIS

Alunos do 1º e 2º ciclo participam pelo segundo ano consecutivo no Concurso de Escrita da Ajudaris

Pelo segundo ano consecutivo, os alunos da nossa escola participaram no Concurso de Escrita de “Histórias da Ajudaris”, uma iniciativa solidária que alia criatividade e cidadania.

O projeto, promovido pela Ajudaris, uma instituição de solidariedade social que apoia crianças e jovens em situação de vulnerabilidade, tem como objetivo incentivar a escrita criativa e o envolvimento dos mais novos em causas sociais.

Sob orientação dos professores, os alunos envolveram-se na criação de histórias originais, abordando o tema “Valores”, como a amizade, a inclusão, os direitos das crianças, a família e a importância de ajudar o próximo. As produções foram desenvolvidas em sala de aula, promovendo não só a expressão escrita como também o trabalho colaborativo e a reflexão sobre valores essenciais à convivência em sociedade.

As histórias selecionadas poderão integrar o livro "Histórias da Ajudaris", cujas receitas reverterem a favor de projetos de apoio a crianças e famílias carentes. Trata-se de uma iniciativa que une escolas de todo o país em torno de um propósito solidário e educativo.

A participação neste concurso reforça o compromisso da escola com a formação integral dos seus alunos, estimulando a empatia, a responsabilidade social e o gosto pela escrita. Mais do que um exercício literário, esta foi uma oportunidade de transformar palavras em gestos de solidariedade.

Nas páginas seguintes, os textos enviados pelos alunos do 2.º ao 6.º ano da nossa escola.

O Pé de Salsa

Era uma vez o Pé de Salsa, um menino lindo, especial e amoroso, que tinha cabelo preto e olhos castanhos.

Quando o conhecemos sentimo-nos confusos e com receio porque ele fazia barulhos porque não conseguia falar.

Percebemos que ele era mesmo assim e começamos a ajudá-lo e a brincar com ele, pois ele era um menino como nós. Costumávamos sentarmo-nos ao pé dele, fazer caretas para ele se rir, fazer puzzles e ler histórias. Ele até conseguia mesmo imitar alguns sons que fazíamos com a boca. Ajudávamos sempre que ele precisava de se levantar. Ele era mesmo divertido! Ele participava em todas as nossas atividades, mas não era da mesma forma que nós. Ele precisava sempre de ajuda e nós estamos cá para o ajudar!

Todos os dias gostávamos de dar beijos e abraços ao nosso querido Pé de Salsa.

Um dia apareceu uma fada chamada Mara que trouxe presentes para todos os meninos.

Mas o do Pé de Salsa tinha um laço diferente porque tinha pó mágico da amizade.

A fada Mara pegou na sua varinha mágica e uma nuvem desceu do céu. A fada e o Pé de Salsa subiram para a nuvem e começaram a espalhar o pó mágico da amizade por toda a escola.

A partir desse dia todas as pessoas conseguiam fazer amizade com as pessoas especiais.

Desta forma todos ficaram sempre com um amigo e ninguém se sentiu mais sozinho.

O urso pardo e o coelho

Era uma vez um urso pardo que estava com fome e decidiu ir caçar para a floresta. Avistou logo um pequeno coelhinho branco e pensou:

- Será que como este pequeno animal? Poderia ser uma boa janta e ele nem sequer me consegue magoar, é uma boa caçada!

O coelho apercebeu-se que o urso se estava a aproximar e que o urso o queria comer, assustado, disse:

- Por favor, não me leve! Tem coelhos bem gordinhos para a melhor janta do mundo atrás daquelas arvores altas!

O urso decidiu poupar a vida a este pequeno coelhinho assutado. Como forma de agradecimento o pequeno coelho decidiu partilhar parte da sua comida com o grande urso, que de barriga cheia voltou para casa. Grato ao pequeno coelho que apesar do grande suto que apanhou partilhou consigo a sua comida.

Turma do 3.ºA

O dia em que as coisas mudaram...

A Rita era uma menina doce e inteligente, mas sentia-se muito sozinha e ignorada pelos colegas da sua turma. Ela passava os intervalos sozinha, observando as outras crianças brincarem e rirem juntas.

Certa manhã, a professora Márcia recebeu uma mensagem da mãe da Rita que lhe pedia uma reunião com urgência. Prontamente marcou uma hora para a receber. Nessa reunião, a mãe confidenciou à professora que se sentia muito preocupada com a sua filha e contou-lhe o que a professora já havia notado. A Rita não estava feliz e todos os dias a sua tristeza tornava-se maior. Decidida a ajudar, a professora resolveu ter uma conversa com a turma:

- Queridos alunos, hoje quero falar com vocês sobre algo muito importante: os valores da amizade, da empatia e da solidariedade - disse ela com um sorriso gentil.

Os alunos ouviram atentamente enquanto a professora explicava como é importante percebermos quando alguém está triste ou a precisar de ajuda.

- A empatia é colocarmo-nos no lugar do outro. E a solidariedade é fazermos algo para ajudar alguém. – explicou a professora.

Depois da aula, a turma reuniu-se e decidiram em conjunto que iam fazer algo especial pela Rita. No dia seguinte, durante o intervalo, uma das colegas, a Natacha, aproximou-se da Rita e disse-lhe:

- Queres vir brincar connosco?

A Rita olhou para ela, surpreendida, mas feliz.

- Sim, adoraria! - respondeu ela timidamente.

Nesse dia a Rita começou a sentir-se acolhida e compreendida, e os seus sorrisos tornaram-se frequentes.

Os colegas começaram a incluir a Rita nas brincadeiras, convidando-a para se sentar com eles na hora do almoço onde partilhavam momentos de alegria. Por sua vez, a Rita ajudou os seus colegas a melhorarem os seus desenhos uma vez que ela era excelente a desenhar. O tempo passou e a amizade entre a Rita e os colegas tornou-se cada vez mais forte. A turma aprendeu que, ao estender a mão a alguém que se sente sozinho, não só ajudam essa pessoa a sentir-se melhor, como também enriquecem a sua própria experiência.

Paz e família

Um relâmpago fez estremecer a casa toda. O pai já no carro, à espera. A mãe, furiosa, foi pela última vez chamar os filhos. O pai buzina. Eram 7h30 e o Gonçalo ainda não tinha lavado os dentes, porque a Carolina estava fechada na casa de banho. Ele dava murros na porta, quando a mãe apareceu: “Para! Carolina, sai daí que estamos atrasados. O pai está furioso. Gonçalo, vai já para o carro.”

A rapariga abriu a porta, banhada em lágrimas. A escova presa no cabelo e uma mancha vermelha no meio da testa. Saiu disparada e nem ouviu a mãe: “Que te aconteceu, filha?!” Nada disse. Pegou na mochila e foi para o carro. Bateu a porta com força. O pai zangou-se: “Que se passou?” Silêncio. A mãe chegou, furiosa. O Gonçalo já estava a infernizar a irmã. Até que esta gritou: “Cala-te, tolo!”

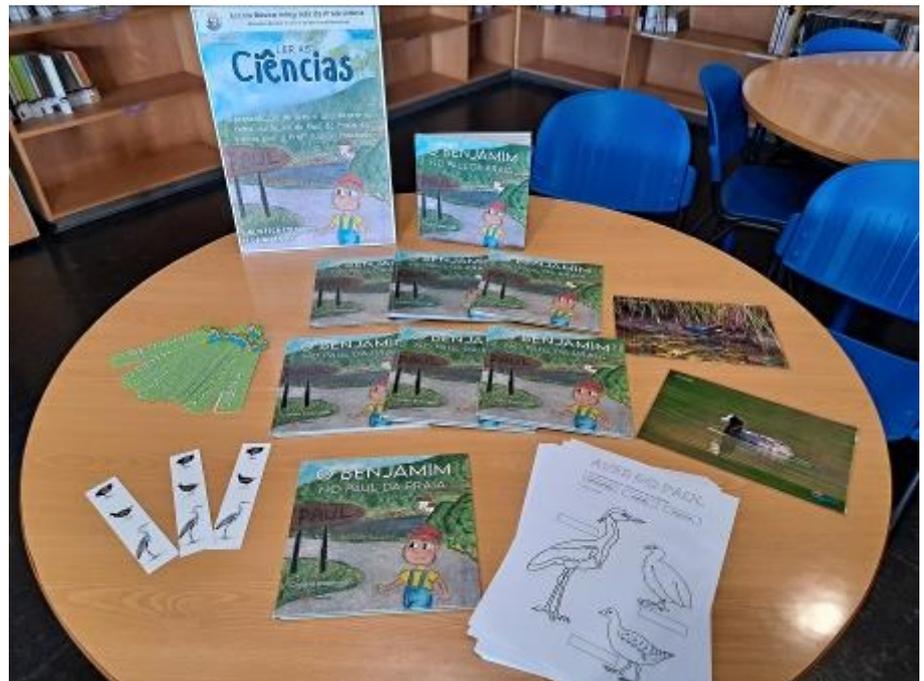
O pai, muito chateado, virou-se para trás e brigou com a filha, porque ela não podia falar assim com o irmão. “Sou sempre eu... O Gonçalo é um santinho. Eu é que levo e ele é que irrita toda a gente.”

“Eu?!” – espantou-se o Gonçalo – “Eu não fiz nada. Ela é que se passa dos carretos por tudo e por nada.” Pai e mãe viraram-se para trás ao mesmo tempo, zangados. Mas, nesse instante, a viatura... catrapum! foi embater numa árvore, na berma da rua. Capotou e caiu num cerrado. Os pais perderam a vida. Os filhos desmaiaram. Acordaram no hospital. Os avós maternos ficaram com os netos.

O Gonçalo e a Carolina, quando souberam o que tinha acontecido sentiram-se culpados da morte dos pais. Os avós disseram-lhes que não. Mas insistiram na necessidade de não nos zangarmos uns com os outros por coisas de nada.

A família tinha finalmente encontrado paz.

BENJAMIM NO PAUL DA PRAIA



Livro "Benjamim no Paul da Praia" apresentado aos alunos do 4.º ano na Biblioteca Escolar

A Biblioteca Escolar foi palco de um momento especial de promoção da leitura e valorização da literatura local com a apresentação do livro "Benjamim no Paul da Praia", da autoria da professora Cidália Machado.

A sessão contou com a presença da autora, que apresentou a obra aos alunos do 4.º ano, partilhando a inspiração por trás da história e destacando a importância da preservação do património natural e cultural. O livro transporta os leitores para o Paul da Praia, um espaço natural único e rico em biodiversidade, através das aventuras do personagem Benjamim. Com entusiasmo e curiosidade, os alunos escutaram a história, participaram ativamente com perguntas e comentários, e mostraram-se sensibilizados para as mensagens ambientais e educativas presentes na narrativa. A atividade proporcionou um momento de aprendizagem lúdica, promovendo o gosto pela leitura e o contacto direto com uma autora local. Esta apresentação insere-se no plano de atividades da Biblioteca Escolar, que tem vindo a desenvolver iniciativas de incentivo à leitura e de aproximação entre os alunos e o livro, valorizando autores e temas que refletem a realidade local.

A sessão terminou com uma sessão de autógrafos e uma mensagem inspiradora da professora Cidália Machado, incentivando os alunos a ler, a escrever e a observar com atenção o mundo que os rodeia.





Famílias celebram Dia Internacional da Família com leituras nas escolas



Durante o mês de maio, a biblioteca escolar lançou um desafio especial às famílias dos alunos do pré-escolar e do 1.º ciclo: celebrar o Dia Internacional da Família através da leitura.

Pais, avós, tios e outros familiares dos alunos foram convidados a participar na atividade “Leituras em Família”. O convite foi recebido com entusiasmo pelas famílias, que prepararam contos, histórias da infância e até leituras de livros infantis preferidos para partilharem na sala de aula, promovendo momentos de leitura em voz alta e reforçando os laços entre escola e família. A atividade foi acolhida com entusiasmo por alunos, professores e familiares.

Participaram neste projeto os familiares dos alunos da EB1/JI da Aqualva, da turma 2.º A da FOC e da turma do Pré-Escolar da EB1/JI Irmãos Goulart - Sala das Fontes. Cada visita foi uma oportunidade para valorizar a leitura em contexto familiar e escolar, estimular o gosto pelos livros e tornar a aprendizagem ainda mais afetiva e significativa.

A atividade mostrou que, quando a família e a escola caminham juntas, a aprendizagem se torna ainda mais significativa. Que venham mais momentos como este!







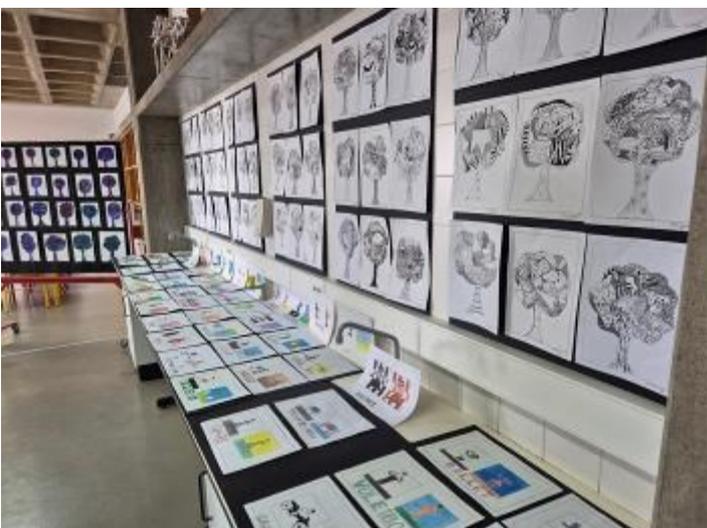




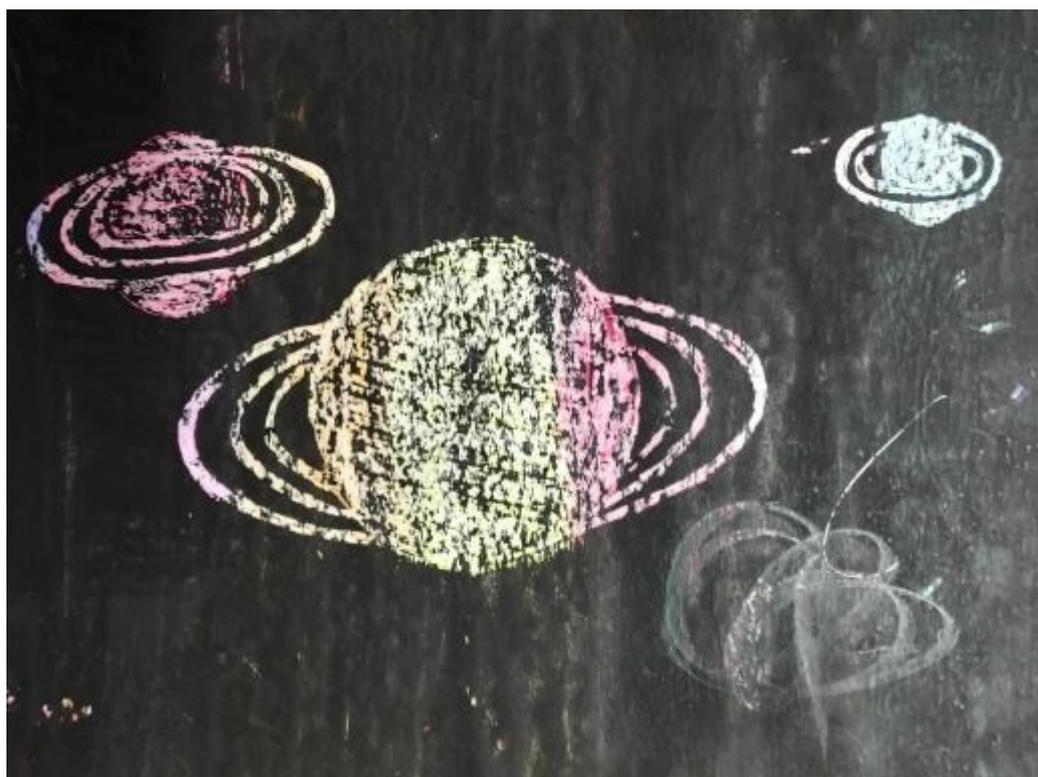
EXPOSIÇÃO SENSORIAL E CRIATIVA

Exposição Sensorial e Criativa organizada pelos Docentes de EV e ET 2º Ciclo na Semana Cultural

Alunos do 2.º ciclo e docentes de Educação Visual e Tecnológica participaram na Semana Cultural, de 7 a 11 de abril, com os seguintes ateliers: Criar, na sala EVT2; Técnicas de Pintura e Exposição, na sala EVT3 e Exposição Sensorial, Criativa e Origami, na sala EVT4. Estas atividades permitiram aos alunos explorar diferentes materiais e estilos, desenvolvendo a sua criatividade e o gosto pelas artes visuais num ambiente dinâmico e colaborativo. A iniciativa foi muito bem recebida e contribuiu para enriquecer ainda mais a programação cultural da escola. Nesta página e seguintes, ficam os registos de alguns desses momentos.



Trabalhos realizados pelos alunos do 5º Ano, 6º Ano e DOV , na Semana Cultural que decorreu de 7 a 11 de abril de 2025, no Atelier de Pintura e Exposição na sala EVT3



Atelier de Pintura - sala EVT3













ATELIER CRIAR





ATELIER CRIAR











Afonso Henriques, rei. Visto por um mexeriqueiro da época

Olá. Cucu. Daqui fala-vos um empregado da corte de el-rei D. Afonso de Portucal. Ah... perdão... de... Portugale. Já passaram 900 anos? Credo, como o tempo voa. Ainda ontem estava com D. Afonso Henriques e agora eis-me nesta ilha Terceira de Jesus, para falar do meu amo e senhor.

Aqui para nós, que ninguém nos ouve, os servos de Cristo como eu podem andar pr'aqui a passear no tempo. É o meu castigo por ser mexeriqueiro. Sim... adiante! Conheci muito bem o nosso primeiro rei. Era muito boa pessoa. Muito boa pessoa mesmo. Mas... quando lhe chegava a mostarda ao nariz... ui, nem queiram saber. Ficava pior do que estragado. O que vale é que esses palavrões que ele dizia já ninguém sabe o que queriam dizer. Seriam galegos ou almôadas? Eram, por certo, uma algaraviada. Ai vocês! perdoem este servo de Cristo, que não andou na escola, que naquele tempo era coisa que não existia. A gente aprendia com os olhinhos e com os ouvidos. E eu, graças a Deus, tenho-os bem grandes.

Não se sabe ao certo onde nasceu D. Afonso Henriques. Eu também não, até porque nasci depois. Uns dizem que foi em Guimarães, outros que foi em Viseu. Nasceu nos inícios do ano da Graça de 1109. Se naquele tempo houvesse telemóveis todos tinham tirado muitas fotografias. E publicavam tudo no Insta, no Face ou no TikTok. Mas não havia.

Portucal era um conjunto de terras, maiores que os Açores todos, que pertenciam ao rei de Leão e Castela, D. Afonso VI. O rei gostava muito de andar à batatada com os mouros, mas estes não eram de se deixar ficar. E batata pr'aqui, batata pr' ali, não havia maneira de D. Afonso VI conseguir ficar com os terrenos que queria, por isso mandou um cavaleiro ali pros lados da Borgonha, pra dizer ao conde D. Henrique que o viesse ajudar. Este Henrique era terrível. E conseguiu vencer. D. Afonso VI, para lhe pagar os serviços deu-lhe o condado Portucalense e deu-lhe também a mão da filha bastarda, D. Teresa. Casaram e uns anitos depois nasceu o menino Afonso. Ai, era tão riquinho. E era um matulão. Tinha o menino Afonso Henriques feito 3 primaveras e o pai, cansado de tanta luta e doente, morreu. O menino Afonso ainda ficou uns tempos com a mãe, mas esta andava sempre tão ocupada com as intrigas e com a ideia de que ia ser rainha, que acharam melhor entregar o moço Afonso aos cuidados de D. Egas Moniz de Ribadouro, um dos senhores importantes das terras do entre Douro e Minho. Homens rijos, que se habituaram ao conde D. Henrique e que não queriam ter de andar a correr para a Galiza, nem andar às ordens do rei de Leão e Castela. Os homens antigos, tal como os de agora, sempre tiveram partidos. O partido dos senhores de entre Douro e Minho era o menino Afonso Henriques. Nessa altura, os mouros ainda dominavam a maior parte das terras da Península Ibérica e das terras do que viria a ser o reino de Portugal. E como se isso não desse bastantes chatices, os cristãos, os nobres senhores da Galiza, de Leão, de Castela e de Aragão passavam a vida a lutar uns contra os outros. Aquilo era uma autêntica novela, cheia de traições, de enredos, de ganâncias. Havia sempre muita gente a querer ser rei. Ai, meu Deus, tantas vaidades, tantas tricas.

D. Teresa, a mãe do nosso Afonso Henriques, casara-se, entretanto, com um galego, o senhor de Trava,

que tinha a mania que era bom e que mandava em tudo na Galiza. Tanta discussão, meu Deus. Berrava-se ali por tudo e por nada. Porque as terras isto, porque as terras aquilo. Queriam que Portucale pertencesse à Galiza, mas alguns dos senhores do condado não queriam passar de cavalo para burro. Não, nem pensar. Haviam de ficar independentes. E Afonso Henriques era neto do rei D. Afonso VI e primo do rei Afonso Raimundes, que acabara por suceder ao avô.

O nosso Afonso Henriques cresceu e foi educado assim, nestes ambientes cheios de xadrez, com muitos cavaleiros e bispos. Acho que desde cedo quis ser senhor da sua vida. E para mostrar que era valente, em 1125, na catedral de Zamora, tinha o rapaz 16 anos, armou-se cavaleiro. Curiosamente, foi exatamente no mesmo sítio onde, no ano da Graça de 1143, o rei de Leão e Castela, o reconheceu como rei. Preferia tê-lo como amigo do que como inimigo. É que o jovem cavaleiro não parava quieto e só sonhava com batalhas. Começou logo no dia 24 de junho de 1128, foi ali para as bandas de Guimarães, em São Mamede, lutar contra o exército da sua mãe e do senhor de Trava. Três anos depois, deixa Guimarães e vai morar para Coimbra. Nesse ano de 1131 funda o Mosteiro de Santa Cruz.



A partir de então, Afonso Henriques vai ter três grandes trabalhos: 1.º lutar contra o rei de Leão e Castela, para ser independente e passar de conde a rei; 2.º lutar contra os mouros, para que as pessoas das suas terras pudessem viver e prosperar. Depois de conquistar novas terras dava benesses aos habitantes das mesmas para que as defendessem (cartas de foral); 3.º procurar que o Papa o reconhecesse como rei e que Portugal pudesse tornar-se um território independente de Leão e Castela.

E se nem tudo lhe correu sempre bem, a verdade é que no dia 25 de Julho de 1139, obteve contra o Islão a mais emblemática das suas vitórias, na batalha de Ourique. Nessa batalha D. Afonso Henriques já usava um escudo (pavês) próprio, um escudo branco com uma cruz azul. E essa é, para todos os efeitos, a primeira bandeira do reino de Portugal. Cá pra mim o menino Afonso era do Fê Kê Pê. Eh! Eh! Eh! Não?! Ah, pois, ainda não se jogava só com os pés.

Um rei nunca governa sozinho. Tem sempre, à sua volta, pessoas da sua máxima confiança, que o ajudam e que o influenciam. São Teotónio, um dos fundadores do Mosteiro de Santa Cruz em Coimbra, era um dos principais conselheiros do nosso Afonso I, juntamente com o chanceler Alberto e D. João Peculiar, arcebispo de Braga. Se tivesse tempo contar-vos-ia muitas histórias engraçadas com estas personagens, mas o tempo foge.

Em 1146, Afonso Henriques casa com a condessa Mafalda de Saboia, também conhecida por Matilde. Ele tem 37 anos, ela 21. D. Mafalda morre passados doze anos, depois de ter dado à luz sete filhos. O quinto, D. Sancho, tornar-se-á o segundo rei de Portugal. Antes desse casamento, Afonso Henriques tivera filhos ilegítimos com outras mulheres, no que foi uma prática comum entre a nobreza.

D. Afonso Henriques, que, pouco depois da sua morte, já era descrito como “gigante que nas suas ações se assemelha a um leão”, “poderoso nas armas, sábio no falar, prudente nas obras”, com “engenho luminoso, belo corpo e semblante agradável, (...), benévolo e devoto (...) e capaz de proteger todo o Portugal com a sua espada” (cf. IduP, vol. II, p.82), enfrentou, como já disse muitas batalhas. Nem de todas saiu vitorioso. A ele se deve, no entanto, o alargamento do território até ao Alentejo. Conquista, entre muitos outros lugares, Leiria, Santarém e Lisboa. Nalgumas das suas batalhas contou com a ajuda de Cruzados e de ordens religiosas (de Cister, Templários, Hospitalários e de Santiago) ou seja, de soldados cristãos que combatiam em nome de Cristo e da sua religião. Em 1165, Portugal já se estendia até Évora, cidade que Geraldo Sem-Pavor conquistara aos sarracenos, como também eram designados os muçulmanos. Mas, em 1169, numa dessas refregas contra os seguidores de Alá, D. Afonso Henriques é ferido e capturado em Badajoz pelo rei de Leão, que era seu genro. Que o liberta sob a condição de D. Afonso Henriques não fazer mais incursões a norte do rio Minho, nem para aquelas bandas. O rei estava lesionado. Apesar de forte, já tinha muitos anos em cada perna. Imaginem como ficou piurço. Tirou logo o tacho a uns quantos.

Em 1179 Portugal obtém da Santa Sé a confirmação tão desejada. O papa Alexandre III reconhece a D. Afonso Henriques e herdeiros o título de rei. Por então, já o filho Sancho se lhe juntara no governo do reino.

Afonso Henriques morre no dia 6 de dezembro de 1185. Tinha 76 anos, uma idade muito avançada para a época. Foi sepultado no Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra. Nascera conde e morreu rei. Portugal vai demorar pouco mais de 100 anos a definir as fronteiras e a adotar o português como língua oficial do reino. Recordo que até isso acontecer, todos os documentos régios eram escritos em latim, o inglês daqueles tempos... Já acabou? Olha, se quiserem porque é que Portugal foi aparentemente tão fácil, leiam o livro *Identificação de um País. Ensaio sobre as origens de Portugal 1096-1325*, de José Mattoso.

Adeus. Abraços e beijinhos.

Carlos Bessa



Dom Afonso Henriques – The Founder (1109-1185)



Dom Afonso Henriques was born in 1109. He was known as "the Conqueror" and "the Founder"- because he was the first king of Portugal.

He was brave and ambitious, helping to make Portugal independent and expanding its land during the Christian Reconquest (*A Reconquista Cristã*).

Afonso was the son of Theresa of León and Henry of Burgundy, who ruled the County of Portugal. When his father died in 1112, his mother ruled alone. In 1128, Afonso defeated her at the Battle of São Mamede and she became the sole ruler. In 1139, he broke away from the Kingdom of León and declared Portugal as an independent kingdom. He fought hard against the Moors in the south, winning an important battle at Ourique in 1139. He also beat León at Valdevez and got the Pope's approval for Portugal's independence

through a document called *Manifestis Probatum*.

After a long reign, Afonso died in 1185 and was succeeded by his son, Sancho I.



Mafalda de Saboia (c. 1125–1157)

Also known as Matilde, Mafalda de Saboia was the first Queen of Portugal, married to King Afonso Henriques from 1146 until her death.

She was the daughter of Count Amadeus III of Savoy and Mafalda of Albon.

Little is known about her life, but historians describe her as strong-willed and stubborn. She had frequent conflicts with Saint Theotonius, the prior of Santa Cruz Monastery in Coimbra.

Mafalda and Afonso Henriques had seven children, including Sancho I, the second King of Portugal.

She died when she was thirty, likely in December of 1157, after giving birth to her daughter Sancha.

By Caylee Ricarda Ishee, 6.º H

PROGRAMA

900 Anos – Os Primórdios de Portugal

LOCAL: Entrada da Escola

10:45 - Cerimónia de Abertura

- Intervenção da Professora Helena Ávila - Presidente do Conselho Executivo
- Intervenção da Presidente da Câmara da Praia da Vitória - Dr.ª Vânia Ferreira

Apresentação da Bandeira pelos alunos do 6.º H:

Alicia Ponchini Silva, André Caetano Nunes, Mateus Rodrigues Garcia

Içar da 1.ª Bandeira Portuguesa

11:10 - Início do Programa da Rádio Voz dos Açores (RVA) na EBI da Praia da Vitória

(recolha de som a partir do átrio)

- Apresentação / Introdução por Ildeberto Rocha
Locutores: Ildeberto Rocha, Judite Parreira, Maria João Vieira ...
Convidados especiais: Prof. Doutor Avelino Freitas de Meneses, Professores Carlos Bessa e Armando Lopes

Participação dos alunos da EBI da Praia da Vitória sob orientação dos seus professores

11:12 - Atuação Musical e RAP

LOCAL: Átrio da Escola

- **Atuação:** Percussão e *RAP da Formação de Portugal* (alunos do 5.º B)
Apresentação do RAP a cargo da professora Paula Moniz
- **Flautas e voz** - Execução de "*Belle qui tiens ma vie*" (2:45 min) - (alunos do 2.º e 3.º ciclos)
Apresentação da música a cargo da professora Madalena Pereira

LOCAL: Galeria do Auditório, transformada em Estúdio de Rádio

11:15 - Inauguração da Exposição de trabalhos dos alunos e Friso cronológico da génese de Portugal

- Introdução por Ildeberto Rocha
Apresentação do Projeto e Objetivos Pedagógicos por e Maria João Vieira

11:20 - Preleção: Prof. Doutor Avelino de Meneses (gravação)

- Introdução por Maria João Vieira e apresentação do CV por Judite Parreira
- Tema: O nascimento de Portugal e o que é "ser português" (cª de 7 a 10 min)
As causas da emergência do país
O papel de D. Afonso Henriques
Momentos marcantes na passagem de condado a reino
A composição do povo português

11:30 - Música (1.º Ciclo)

Apresentação a cargo da professora Cláudia Rocha

1. "Aqui d'El-Rei" José Carlos Godinho - 1:28 min (Canção da Ópera Ligeira, "Nos Castelos de D. Afonso Henriques") pelos alunos do 1.º ciclo, das prof. Cláudia Rocha e Maria Cunha)
 2. "Quem é que sabe de Afonso, El-Rei?" - 1:12 min José Carlos Godinho (Canção da Ópera Ligeira, "Nos Castelos de D. Afonso Henriques") pelos alunos do 1.º ciclo, das prof. Cláudia Rocha e Maria Cunha)
- Transição para momento instrumental (flautas)

11:35 - Apresentação de um Instrumento Musical da época - Alaúde

Apresentação do Alaúde – instrumento musical da época, por Miguel Meneses Couto - 6.º F

11:40 - Música (Flautas - 1.º Ciclo)

Apresentação a cargo da professora Maria Cunha

“Dança Medieval” – Arleen Rodríguez e Corrales Jiménez – 1 min - (Alunos do 1.º ciclo da prof. Maria Cunha)

11:42 - Leitura Encenada e Entrevista

Introdução por Maria João:

- Apresentação de CV por Judite Parreira
- Leitura do texto escrito para ser lido para criança, no ano da graça de 2025 “Afonso Henriques, rei. Visto por um mexeriqueiro da época”, por Carlos Bessa
- Minientrevista por Maria João:
 1. Se pudesse corrigir um dos mitos que os portugueses têm sobre a fundação de Portugal ou sobre D. Afonso Henriques qual seria?
 2. Que livro ou livros recomendaria para compreender melhor D. Afonso Henriques e a fundação de Portugal?
 - que diriam os cronistas se vissem o Portugal de hoje?

11:55 - Enquadramento Histórico e Reflexão

- Intervenção: Maria João Vieira e Judite Parreira
- Reflexão sobre identidade / nacionalidade

12:00 - Música (2.º Ciclo)

Apresentação a cargo da professora Cláudia Rocha

1. “Passado e Presente” de José Carlos Godinho (Canção da Ópera Ligeira, “Nos Castelos de D. Afonso Henriques”) – 2,08min - (Alunos do 2º ciclo da prof. Cláudia Rocha)
- “Alcácer do Sal” de José Carlos Godinho (Canção da Ópera Ligeira, “Nos Castelos de D. Afonso Henriques”) – 2,41min - (Alunos do 2.º ciclo da prof. Cláudia Rocha)

12:05 - Leitura de Biografias

- Leitura de biografias em Inglês:
 - Biografia de Afonso Henriques por Aurora Estrela 6.º F
 - Biografia de Isabel de Saboia por Caylee Ricarda Ishee 6.º H
 - Biografia de D. Sancho I por Miguel Couto 6.º F
 - Biografia de D. Urraca I por Maria Francisca Ormonde 6.º F
 - Biografia de D. Teresa de Leão I por Margarida Martins 6.º F

Leitura de biografias pelos alunos do Professor Armando Lopes:

- ✦ 6.º A – Guilherme Barcelos
- ✦ 6.º B – Samuel Melo; Tomás Sousa; Leonor Costa; Luana Mendonça; Henrique Amaral e Gonçalo Silva
- 6.º C - Inês Martins e Pedro Sousa

12:15 - Segmento sobre a Língua Portuguesa

- Entrevista ao Prof. Armando Lopes
 - Que língua se falava em 1125?
 - Quando surgiu o português?
- Breve explicação sobre os Estudos Gerais e sobre a 1.ª Universidade

12:20 – Poesia Medieval

- Introdução à lírica galaico-portuguesa
- Leitura de cantigas de amigo, cantigas de amor e cantigas de escárnio (D. Dinis)

Apresentação dos cancioneiros medievais

12:25 – Reflexão Histórica

- Intervenção: Maria João Vieira e Judite Parreira

Reflexão Histórica no contexto de 1125

12:27 – Preleção: Prof. Doutor Avelino de Menezes (gravação)

- Introdução por Maria João Vieira
- Tema: O nascimento de Portugal e o que é “ser português” (c^a de 5 min)
O papel de D. Afonso Henriques
Momentos marcantes na passagem de condado a reino

A composição do povo português

12:30 – Encerramento

- **Mensagem final:** A “nacionalidade” como construção histórica e dinâmica cultural e a importância da história como ciência.

Agradecimentos finais a todos aqueles que contribuíram para a realização deste evento: aos convidados, locutores, professores, alunos e ouvintes da RVA.



Cerimónia do içar da 1.^a bandeira, com a presença da presidente da Câmara Municipal da Praia da Vitória, Vânia Ferreira; presidente do Conselho Executivo da EBI da Praia da Vitória, Helena Ávila; coordenadora da atividade e do Departamento de Línguas e Estudos Sociais do 2.^o ciclo, Maria João Vieira; membros da Rádio Voz dos Açores, Ildeberto Rocha e Norberto Messias e alunos Cristina Leal, André Caetano Nunes, Alicia Ponchini Silva e Mateus Rodrigues Garcia.





Trabalho realizado por:
Pisca de Gente, n.º 4, 5.ª A





O Condado Portucalense
 Sempre ao longo do processo de Reconquista Cristã, D. Afonso VI casou a sua filha Isolda, II, Teresa, com o nobre D. Henrique de Borgonha a quem entregou a administração das terras que lhe foram dadas no território do seu Condado a que chamou Condado Portucalense.
 Por isso, em 1109, D. Afonso VI entregou-lhe o Condado de Portugal, que se tornou o Reino de Portugal.



1109 - D. Afonso Henriques nasce a meio de Agosto, faz-se rei Visor
 Sendo o filho mais velho, a administração que D. Afonso VI lhe entregou ao seu pai, D. Henrique de Borgonha e de D. Teresa, foi a que se tornou no primeiro Reino de Portugal.
 O seu pai, o Condado de Portugal, Afonso VI, não tinha, na altura, nenhum filho varão, pelo que a administração do Condado Portucalense...

868-1143

1109

986 Afonso - rei prímogénito de Portugal (1109-1120)
 Afonso I, primeiro rei de Portugal, nasceu em 1109, a 6 de Agosto, em Guimarães, no Reino de Leão e Castela. Foi o primeiro rei de Portugal a ser coroado em Braga, no dia 25 de Outubro de 1139.

HÁ 900 ANOS D. AFONSO HENRIQUES CRIAVA PORTUGAL

1112 - 7
 O Condado de Portugal...



Biblioteca Escolar assinala os 500 Anos de Camões com exposição de alunos do 9.º Ano

A Biblioteca Escolar acolheu uma exposição comemorativa dos 500 anos do nascimento de Luís de Camões, figura maior da literatura portuguesa e símbolo da identidade cultural nacional. Esta iniciativa foi desenvolvida em colaboração com a disciplina de Educação Visual e envolveu os alunos do 9.º ano, sob a orientação da professora Susana Baltazar.

Inspirados na vida e obra do autor de *Os Lusíadas*, os alunos criaram cartazes originais que celebram a importância de Camões na história da língua portuguesa e na construção da memória coletiva. Através de diferentes técnicas e abordagens gráficas, os trabalhos expostos refletem a criatividade, a sensibilidade artística e o conhecimento dos alunos sobre o legado camoniano.

A exposição, patente na biblioteca, pretendeu não só homenagear o poeta, mas também estimular o interesse dos jovens pela literatura e pelas artes visuais, promovendo uma abordagem interdisciplinar e dinâmica ao ensino.

Esta atividade integra-se nas comemorações nacionais dos 500 anos de Camões, contribuindo para manter viva a sua obra junto das novas gerações e reforçando o papel da escola como espaço de cultura, reflexão e criação.

In memoriam Rodolfo Franca (1971-2024)

Em memória ao nosso querido amigo e colega, professor Rodolfo Franca, que nos deixou em 2024, deixamos aqui não apenas palavras, mas o eco de sentimentos profundos e sinceros de gratidão, carinho e saudade.

O Rodolfo foi muito mais do que um excelente Professor de Educação Física ou Presidente do Conselho Executivo da nossa escola. Ele foi um profissional comprometido, íntegro e inspirador, que marcou a vida dos seus alunos com dedicação e entusiasmo. A sua presença era sinónimo de equilíbrio, justiça e serenidade. Era o tipo de colega que transmitia paz com um simples olhar, e que fazia do ambiente de trabalho um lugar mais leve, mais humano.

Como amigo, foi daqueles raros: sempre presente, sempre disposto a ouvir, ajudar, aconselhar. Um verdadeiro irmão de jornada, com quem compartilhámos risos, desafios e histórias que hoje ganham ainda mais valor.

A saudade é imensa. A ausência física dói, mas a presença que ele deixou em cada um de nós é eterna. O Rodolfo viverá para sempre na lembrança dos que tiveram o privilégio de conhecê-lo, trabalhar ao seu lado e chamá-lo de amigo.

Obrigado, Rodolfo, por tudo o que foste e sempre serás nas nossas memórias. Que a tua luz nos continue guiando.

Com carinho e saudade,





EBI Praia da Vitória
Rua Padre Damião
Praia da Vitória
piscadegente@gmail.com